

Lições que vêm do Peru e da Venezuela

Exemplos podem servir de advertência e ajudar países vizinhos, entre eles o Brasil, a desenvolver suas éticas de sobrevivência.



A cólera veio primeiro, o golpe depois. Que golpe? Até agora, ninguém explicou de forma coerente o “autogolpe” do presidente Alberto Fujimori, que já ganha nas ruas o apelido de “Chinochet” depois de, no começo de abril, fechar o Congresso e suspender os tribunais com apoio do exército, até que uma nova constituição seja criada e se organizam novas eleições.

O japonês teimoso de óculos, matemático e engenheiro pouco conhecido que se elegeu surpreendentemente em 1990, parece um Carlitos lutando contra os "corruptos". Provocando repúdio no Exterior, mas, segundo quase todos os testemunhos, com bastante apoio popular de urna povo com muita vida política, apesar de tudo. Ele lembra outro herói de óculos dos filmes mudos da década de 1920, Harold Lloyd, que desfilava por Wall Street conduzindo um leão na corrente. Sabemos que

Lima não é Wall Street e que o leão pode morder. Porém, Fujimori se arriscou.

Fujimori não é Carlitos, nem deve ser subestimado. Eleito presidente por ser homem de fora da classe política, aprendeu a arte de governar em uma escola mais dura: entre as diferentes facções marxistas de universidades peruanas, dominadas pelos maoístas, exigindo do intelectual "apolítico" uma garra de manipulação continua em mais de 20 anos de convivência e ascensão, aproveitando os ódios entre grupinhos fanáticos até chegar a ser reitor da Universidade Agraria La Molina e presidente da Associação Peruana de Reitores Universitários. La Molina foi também grande receptora de ajuda estrangeira, experiência que foi muito valiosa para Fujimori, no momento em que precisou mobilizar apoio externo para o “fujichoque” que aplicou 20 meses antes do “fujigolpe”, quando a hiperinflação atingiu 92% no mês de sua posse em julho de 1990.

Advertência — Ao explicar o "fujichoque" na televisão, o então primeiro-ministro Juan Carlos

Hurtado Miller advertiu: "Para deter uma hiperinflação como a nossa, são necessárias três condições básicas: primeiro, eliminar o déficit fiscal; segundo, preços relativos que permitam um crescimento sustentado das produções sem subsídios ou controles; terceiro, que as expectativas dos peruanos mudem... Deus nos ajude." O chocante e misterioso do "fujigolpe" é que o "fujichoque" estava dando certo, dentro do possível. A queda no consumo popular desde 1987, fruto do populismo suicida do presidente Alan Garcia (1985-1990), foi agravada pela eliminação dos subsídios e liberação de preços do "fujichoque". Após tocar no fundo do poço no final de 1990, houve lenta recuperação do consumo durante 1991 e neste início de 1992. A economia cresceu 2,8% em 1991 e um crescimento de 3% era esperado para 1992. Desde setembro de 1991, o Peru recebeu mais moeda forte do Exterior que pagou. Houve um *boom* na Bolsa de Lima com o índice subindo 78% nos primeiros dois meses do ano, até novos impostos foram anunciados pelo governo. Apesar da dureza das medidas fiscais, o governo contou com o apoio popular porque a política econômica adotada foi aceita como único caminho para evitar o colapso total de economia e das instituições que sustentavam a sociedade.

A desgraça do Peru é uma advertência terrível para o resto da América Latina. O golpe de Fujimori representa uma ameaça às democracias, que buscam a salvação em planos econômicos cada vez mais inevitáveis e amargos, como o "fujichoque", pagando as contas deixadas do passado. Os povos aceitam sacrifícios, engolindo o empobrecimento e a

degradação social, mas ficam enfurecidos com as denúncias de corrupção contra os que exigem sacrifícios dos outros. A longa batalha econômica e política se desloca para o campo da moralidade. Nas crises das sociedades complexas, a essência da moralidade é a cooperação. Falta de moralidade e cooperação conduz à descapitalização na forma de desperdício de recursos e decadência da infraestrutura e do aparelho produtivo.

A mensagem de Fujimori é clara: a descapitalização traz a ameaça de reversão de algumas populações a formas mais arcaicas de civilização e mortalidade. A ameaça de regressão está levando a uma mudança na política de muitos países, de uma economia política de direitos adquiridos para uma economia política de sobrevivência. Essa mudança está apenas começando e nem todas as suas implicações são claras. Para superar de forma humana essas mudanças, os países precisam atingir novos níveis de cooperação cívica.

As ligações entre moralidade, cooperação e a sobrevivência, das sociedades complexas são evidentes também na Venezuela, abalada há três meses por um golpe militar fracassado contra o

presidente Carlos Andrés Pérez, acusado de presidir a festa de corrupção que começou quando o preço do petróleo, sua exportação principal, quadruplicou em 1973-74. Agora, o preço do petróleo é baixo, rondando US\$ 14 por barril, enquanto a base das rendas petrolíferas calculadas no orçamento do governo é de US\$ 19. A democracia venezuelana, vista até recentemente como uma das mais fortes da América Latina, assiste ao mesmo tipo de crise fiscal



Alberto Fujimori
'Depois do autogolpe, apelido de 'Chinochet''



Alan García
'Promessa de água limpa na fase de popularidade'



Carlos Andrés Pérez
'Venezuela abalada por um golpe fracassado'



Fernando Collor
'Reforma para evitar acusações de corrupção'

em que nasceu em 1958, com a revolta que derrubou a ditadura do general Marcos Pérez Jiménez, que não podia pagar a seus empreiteiros de obras porque o excesso de óleo cru no mercado mundial tinha baixado seu preço para níveis irrisórios.

Vacas magras – Os protestos amargos contra a “dureza” da política de estabilização do governo Pérez escondem o fato triste de que a democracia num país rico, não conseguiu baixar seus gastos públicos nos anos de vacas magras, fato que se repete nas democracias mais evoluídas da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.

Por suas acusações de corrupção contra Pérez e sua corte palaciana os líderes jovens do golpe de 3 de fevereiro viraram heróis nacionais. Nas festas infantis de carnaval de 1992, centenas de meninos se fantasiaram de coronel Chávez, líder golpista preso, provocando aplausos generalizados. Porém, o problema da imoralidade vai muito além dos escândalos de Pérez e sua corte. Atualmente, o Banco Mundial e o BID estão preparando um empréstimo de US\$ 2,5 bilhões para reequipar os 48 grandes hospitais públicos da Venezuela, canibalizados pelos médicos que roubaram os instrumentos cirúrgicos e os equipamentos de diagnósticos, como raios X, para usar em seus consultórios particulares, e pelos outros funcionários que roubaram todo o removível: desde os lençóis das camas e os aparelhos de mesa e cozinha até os encanamentos e sanitários dos banheiros. Durante três décadas de democracia, a Venezuela gastou mais de US\$ 100 bilhões para obras públicas (US\$ 40 mil por habitante), dos quais US\$ 45 bilhões foram gastos no *boom* de 1974-1982

Além dos hospitais, foram construídas nestas três décadas 12.500 escolas, 45 mil quilômetros de estradas pavimentadas, sistema telefônico, água potável e esgoto e grandes represas. Esta infraestrutura está em decadência rápida por falta de manutenção. Os técnicos responsáveis pelo abastecimento de água potável temem que uma boa parte da população de Caracas possa ser retirada por causa da deterioração do sistema. Após a chegada da cólera, a colocação de cloro no sistema de água potável para matar o vibrião foi interrompido porque as máquinas estavam quebradas. Assim, a sorte de um país rico como a Venezuela fica ligada a de um país pobre como o Peru.

As notícias do golpe na Venezuela e a campanha do Congresso para encurtar o mandato de Carlos Andrés Pérez deve ter preocupado o presidente Fernando Collor, que logo depois tentou livrar seu governo de acusações de corrupção com uma reforma maciça de sua equipe. No Brasil, as fraudes e roubos na Previdência podem ou não ser tão graves quanto os escândalos em outros países, mas o desafio da ética de sobrevivência é o mesmo. Muitas populações no final do século 20 veem a mortalidade baixa como conquista garantida. Alguns demógrafos dizem que as conquistas em expectativa de vida desde 1850 são “irreversíveis”, devido aos avanços tecnológicos e institucionais incorporados às comunidades humanas. O desenvolvimento, e não o declínio médico-tecnológico, é visto como principal causa das taxas de mortalidade mais baixa. Em outras palavras, a evolução da mortalidade depende da escala, da qualidade e dos objetivos da organização humana. A ameaça que enfrentamos hoje é do enfraquecimento das instituições que devem ser instrumento da cooperação e sobrevivência.

Crescimento - Nas próximas décadas, as instituições vão ser pressionadas pelo crescimento rápido da população adulta em países como Peru, Venezuela e Brasil. A taxa de fertilidade na América Latina caiu muito na década passada, mas sua população adulta continua a crescer rapidamente. Em toda a América Latina, o número de jovens entre 15 e 24 anos está se elevando a taxas alarmantes. O verdadeiro problema é a população mais madura, na faixa de 25-59 anos, que continuará a crescer depressa até um ponto bem avançado do próximo século, pressionando a inflação por exigir empregos e cuidados dos sistemas de saúde pública. No Brasil, a população na faixa dos 25 aos 29 anos está crescendo a uma tendência de 2,95% ao ano, no período 1950-2000, antes de diminuir para 1,7% ao ano em 2000-2025, de acordo com as Nações Unidas.

Essas projeções mostram a população adulta madura do México crescendo ainda mais rapidamente, à razão de 3,6% ao ano em 1980-2000, antes de diminuir no início do século 21, conforme as projeções. O impacto desse crescimento acelerado da população adulta da América Latina é agravado pelo fato de que acompanha um processo de urbanização rápida. A advertência das consequências

potenciais deste processo está a vista no desastre do Peru.

Se podemos falar de “milagre” peruano é que, apesar do enfraquecimento econômico, a prática da democracia no Peru cresceu na última década, com a realização de três eleições gerais e quatro municipais. Ao mesmo tempo, as dificuldades econômicas e sociais alimentavam o Sendero Luminoso, o movimento guerrilheiro da última geração, mais efetivo da América do Sul.

Comentaristas peruanos comparam o “fujigolpe” de 1992 como o “autogolpe” do presidente-eleito Augusto Leguia em 1919, que com uma reforma da Constituição inaugurou uma ditadura civil de 11 anos, estimulando grandes investimentos estrangeiros e conquistando grandes avanços na saúde pública. A Fundação Rockefeller se encarregou das campanhas que eliminaram a peste bubônica e a febre amarela e arranhou empréstimos para que uma empresa americana, a *Foundation Company*, criasse sistemas de saneamento básico em 32 cidades peruanas.

Os problemas que enfrenta Fujimori hoje são de uma escala diferente dos da época de Leguia. Em 1920, Lima tinha uma população de 200 mil habitantes, que vem crescendo 5% ao ano nas sete décadas seguintes, atingindo 6,5 milhões de habitantes em 1991. Em 1940, o número dos que moravam em *barriadas* – a versão peruana das favelas – era insignificante, mas já chegava a 110 mil em 1956. Nas três décadas seguintes, a população das *barriadas* cresceu 9,8% ao ano, atingindo cerca de dois milhões em 1987, ou seja, um terço da população. Embora as distorções econômicas do Peru não possam ser atribuídas totalmente ao crescimento das favelas, os subsídios exigidos por elas foram estendidos a toda população urbana, tornando-se elementos essenciais da inflação, da descapitalização e do fracasso em gerir os problemas de escala. O regime militar “revolucionário” que tomou o poder em 1968 oficializou uma nova ideologia das *barriadas*, rebatizando-as de *pueblos jóvenes* e criando uma burocracia para mobilizar apoio ao regime nessas comunidades.

Deterioração – A infraestrutura sanitária e de saúde pública, criada ao longo de um século, para controlar as epidemias e sustentar o crescimento populacional

e a urbanização, está sobrecarregada e deteriorando-se rapidamente. O uso de água potável em Lima vem crescendo 5,3% ao ano desde 1960, cerca de 20% a mais que o aumento da população, mas não se criaram novas fontes desde 1970, embora o número de habitantes tenha duplicado. Em maio de 1986, no auge de sua popularidade, o presidente Alan Garcia prometeu que, no final de seu mandato, em 1990, não haveria mais “lares peruanos nos *pueblos jóvenes* sem água potável na torneira”. Em 1984-86, as ligações de água residenciais sextuplicaram. Em décadas recentes, obteve-se um aumento no suprimento de água com a perfuração de lençóis de água localizados sob o deserto costeiro. Agora essas fontes, que fornecem um terço da água de Lima, estão sendo dilapidadas rapidamente e sofrem a poluição de infiltrações de esgotos. Cerca de 20% das amostras da rede de distribuição de água de Lima, desde o aparecimento da cólera contém contaminação fecal. O Rio Rimac é tão poluído que os pedestres que atravessam as pontes situadas bem acima da corrente são banhados na espuma de fezes. Antes da epidemia, não havia testes de rotina para bactérias. O vazamento do sistema é estimado em até a metade do fluxo diário.

Em instantes, reúnem-se multidões em torno de lagoas formadas por vazamentos em válvulas e encanamentos, para beber, tomar banho e lavar roupas. A escassez de água é agravada pelas falhas crônicas da eletricidade que move as bombas que puxam a água dos lençóis profundos. Os blecautes impedem que as famílias bombeiem a água de poços caseiros. Uma parte do problema é causada pelos terroristas do Sendero Luminoso, que explodiram 856 torres de alta tensão em 1980-90, sendo $\frac{3}{4}$ desses ataques nos últimos três anos, além de inutilizar duas das três linhas de transmissão que ligam hidroelétricas dos Andes a Lima.

A hiperinflação liquidou o fluxo monetário real dos serviços, já desgastados por décadas de inflação crônica, corroendo uma estrutura de taxas incapaz de cobrir os custos, cortando a manutenção e intensificando as greves de servidores públicos. A mesma coisa está acontecendo na Venezuela. Em 1991, técnicos estrangeiros chamaram o fornecimento de água e o saneamento básico do Peru de “um desastre” pronto para acontecer. A epidemia de cólera que o Peru e seus vizinhos sofrem agora

simplesmente deu um nome a esse desastre”. O medo é um mecanismo biológico para reagir aos perigos. Pode trazer resultados positivos. Mais adiante se verá se os países vizinhos, como o Brasil, reagem à advertência dos desastres do Peru e da Venezuela para desenvolver sua própria ética de sobrevivência. ●

©

3 DE MAIO DE 1992

O ESTADO DE S. PAULO

Gall é expert em América Latina

Norman Gall é um especialista em assuntos latino-americanos, que há 30 anos pesquisa, leciona e escreve sobre economia mundial. Gall, com 58 anos, é norte americano de Nova York, e está radicado há 14 anos no Brasil. Ex- editor da Forbes, revista especializada em economia, atualmente ele dirige o Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, que realiza um programa de pesquisas sobre inflação crônica na América Latina. O artigo acima foi extraído do livro que Gall está escrevendo intitulado Ameaça de morte, sobre a ligação entre inflação e mortalidade.